

IMIGRANTES NA FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA NO RIO GRANDE DO SUL

IMMIGRANTS IN THE CONSTRUCTION OF THE WORKING CLASS IN RIO GRANDE DO SUL

Anderson Pereira Correa¹

RESUMO

Este artigo tem por finalidade investigar a influência dos imigrantes na formação da classe operária no Rio Grande do Sul, no período da República Velha (1889-1930). Um dos elementos que influenciam a formação da classe operária é o internacionalismo operário a partir da circulação de pessoas, textos e ideias. A circulação das pessoas pressupõe a migração. Como foi significativa ou não a presença de imigrantes na formação da classe operária no Rio Grande do Sul? Esta pesquisa é bibliográfica e exploratória. Utiliza-se técnicas de análise de conteúdo e quantificação. Os imigrantes identificavam-se mais com os elementos da “identidade internacionalista operária”. A formação da classe operária no Rio Grande do Sul foi influenciada de forma significativa pela presença de imigrantes e seus descendentes.

Palavras-chave: Classe Operária no Rio Grande do Sul. Movimento Operário. Imigrantes.

ABSTRACT

The purpose of this article is to investigate the influence of immigrants in the construction of the working class in the state of Rio Grande do Sul, Brazil, during the República Velha (Old Republic) period (1889-1930). One of the elements that have influenced the construction of the working class is the labor internationalism through the circulation of people, texts, and ideas. The circulation of people presupposes the migration. How significant or not was the presence of immigrants in the construction of the working class in Rio Grande do Sul? This research is bibliographic and exploratory. In it are used techniques of analysis of content and quantification. The immigrants identified themselves more with the elements of the “labor internationalism identity”. The construction of the working class in Rio Grande do Sul was significantly influenced by the presence of immigrants and his descendants.

Keywords: Working Class in Rio Grande do Sul. Workers' Movement. Immigrants.

1 Graduado em História pela Universidade da Região da Campanha - URCAMP/ Alegrete (1999). Especialista em Gestão Educacional - URCAMP/Alegrete (2002). Mestre em História (PUCRS -2010), com a dissertação intitulada “Movimento Operário em Alegrete: a presença de imigrantes e estrangeiros (1897 - 1929)”. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Alegrete (IHGA). Membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS).

INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a presença de imigrantes e estrangeiros na formação da classe operária, no Rio Grande do Sul, no período da República Velha. Muitos autores descrevem a presença de imigrantes na constituição da força de trabalho e no movimento operário brasileiro. Edgar Carone, apresentando estudo sobre a composição étnica da classe operária brasileira, afirma que, “bem antes da proclamação da República, o elemento estrangeiro prepondera numericamente e ideologicamente entre o operariado”.² Na obra *O Movimento operário no Brasil*, Carone destina um capítulo sobre a lei de expulsão dos estrangeiros que se envolvem em manifestações políticas aqui no Brasil. Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall, no capítulo intitulado “A imigração italiana e o movimento operário no Brasil (1906)”, quando tratam especificamente sobre São Paulo e a formação do proletariado, escrevem:

misturados à massa amorfa dos imigrantes, chegava um número limitado de operários cômicos da organização, os combatentes que haviam tomado parte da Internacional, no Partido Operário ou mais tarde no Partido Socialista Italiano, revolucionários, legalitários, anarquistas até, talvez meramente corporativistas.³

Cláudio Batalha diz que na historiografia do movimento operário no Brasil é construída a imagem do italiano anarquista, e acrescenta que, “caricata, ela (esta imagem) reúne dois componentes fundamentais: por um lado, a associação automática entre trabalhador e imigrante – este, por sua vez, reduzido ao italiano; por outro, a atribuição de um ideário único, o anarquismo, àquele momento histórico”.⁴ Erro grave, no tocante à generalização para toda experiência operária no Brasil. O pesquisador afirma que o mito sobre o imigrante militante não consegue se sustentar diante das evidências empíricas, e que as questões étnicas podem ser vistas mais como um elemento de dissenso do que de consenso entre os trabalhadores: “Nos países em que a imigração teve um peso fundamental, como no Brasil, entre os fatores que dificultam a organização operária, em primeiro

2 CARONE, Edgar. **A República Velha: Instituições e Classes Sociais**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 189.

3 HALL, Michael M. **A Classe Operária no Brasil (1889 – 1930)**. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1979, p. 36.

4 BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 7.

lugar, costumam figurar as divisões étnicas e os conflitos que delas derivam”.⁵ Nos estudos de Sidney Chalhoub, aparece a relação entre imigrantes e nacionais no “mundo do trabalho”, no Rio de Janeiro do início do século XX. Chalhoub considera por vezes conflituosa esta relação, porém, escreve que, da mesma forma que gera conflitos, a relação entre imigrantes e nacionais gera também poderosos laços de união e solidariedade.⁶ Adhemar Lourenço da Silva Junior, ao escrever sobre a greve de 1917, em Porto Alegre, analisa conflitos ocorridos entre trabalhadores e imigrantes. Da mesma forma que Chalhoub, o historiador este autor demonstra casos de conflitos e solidariedade entre trabalhadores imigrantes e entre estes e nacionais. A grande contribuição de Silva Junior é demonstrar o peso das questões étnicas no movimento operário, na medida em que, segundo ele, a greve geral de 1917 tem como um fator decisivo para sua massificação a guerra contra os germanófilos, no contexto da 1ª Guerra Mundial.⁷

Robert Paris afirma que uma das dificuldades encontradas pelo pesquisador da história do movimento operário latino-americano é “enquadrar” certos militantes em “quadros” nacionais, sendo que muitos deles circularam por diversos países, e são reivindicados pelo movimento operário dos países por onde passaram. O mesmo autor diz que existe um debate sobre a “formação” do movimento operário latino-americano que destaca duas tendências interpretativas: uma “europeizante” e outra “nacionalizante”.⁸

A história do movimento operário é uma pequena parte da história dos trabalhadores. Segundo Claudio Batalha, o conjunto dos trabalhadores é dividido em quem faz parte e quem não faz parte do movimento operário. O movimento operário, por sua vez, é dividido em três segmentos: lideranças, quadros intermediários e militantes de base. O autor salienta que:

Apenas uma minoria chega a escrever nos jornais operários e tem uma atuação que transcende os limites de sua categoria profissional; esses podem ser considerados como as

5 BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. Formação da Classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano** (v. 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 167.

6 CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: O cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986, p. 61.

7 SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. **Povo! Trabalhadores!** Tumultos e Movimento Operário (estudo centrado em Porto Alegre, 1917). Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994, p. 40s e 190s.

8 PARIS, Robert. Biografia e “perfil” do movimento operário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANPUH/Ed. UNIJUÍ, vol. 17, n. 33, 1997, p. 21-22.

lideranças operárias. Um grupo um pouco maior participa ativamente da vida da categoria, integra direções de associações, assina manifestos, mas raramente escreve sobre sua prática e muito menos produz teoria. O terceiro e, certamente, maior grupo, é composto por aqueles que apenas exercem uma militância eventual, que são a base de todas as organizações, que estão presentes nos momentos de ascenso dos movimentos e os abandonam nos momentos de refluxo.⁹

Entende-se que o Movimento Operário possui papel de destaque na produção da classe operária. Uma classe consciente de seus interesses não surge pronta, mas se faz ao seu próprio agir.¹⁰ O movimento operário é resultado mais da ação coletiva e cultural dos trabalhadores do que um simples reflexo do desenvolvimento das “forças produtivas” e das contradições econômicas. Isabel Bilhão escreve que, entre tantos aspectos que compõem a formação da classe operária, a identidade é um dos elementos importantes. Para a autora, Thompson confirma esta afirmativa, quando diz que a classe se faz na medida em que se percebe enquanto grupo diferente (diferenciação), portanto é uma construção identitária. Ainda de acordo com Bilhão:

o fazer-se da classe operária, ao mesmo tempo em que vai se percebendo como tal, é perpassada por um processo de construção identitária dos operários que estabelece critérios e estratégias de reconhecimento e distinção, o que significa dizer que a construção da consciência de pertencimento a uma classe é indissociável da percepção identitária que os operários constroem entre si e em relação às outras classes sociais.¹¹

Bilhão diz que a identidade operária se constrói em interação com outras identidades sócias e coletivas, como étnicas e de gênero. A autora

9 BATALHA, Cláudio. Vida Associativa: Por uma Nova Abordagem da História Institucional nos Estudos do Movimento Operário. **Anos 90**, Porto Alegre: UFRGS, n. 8, dez. 1997, p. 104.

10 THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa** (v. 1). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 10.

11 BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e Trabalho**: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896-1920). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, p. 18.

trabalha com três aspectos da construção de identidades: o reconhecimento, a distinção e a memória coletiva. Assim, o reconhecimento quer dizer agir de acordo com aquilo que representa ser; ser diferente; e ter uma memória coletiva que reforça os laços de continuidade e ligação entre passado, presente e futuro.¹²

Isabel Aparecida Bilhão escreve:

trabalho com a proposição de que a identidade operária é construída não apenas a partir de relações de reconhecimento, distinção e oposição e das interfaces com outras identidades em nível local, mas também da conjugação dessas circunstâncias com ideias, símbolos e memórias e características que aparecem em diversos lugares e circulação, através de militantes, textos etc., em diferentes países, possibilitando aos operários identificarem-se com as múltiplas dimensões dessa realidade – seus conflitos, contradições, campanhas e solidariedade – e sentirem-se como integrantes do proletariado internacional.¹³

A “consciência de classe” está sempre em construção e reconstrução, não está nunca pronta e acabada; a identidade “internacionalista operária” é parte constitutiva desta consciência de classe, faz parte de sua formação. Significa dizer que os membros da classe operária se reconhecem como tal em todos os países e formam uma “irmandade”, uma “comunidade internacional” de trabalhadores que lutam e se solidarizam contra a exploração econômica e a opressão política. Bilhão define o “internacionalismo operário” a partir da circulação de pessoas, textos e ideias. No caso da circulação de pessoas, segundo a pesquisadora, “colaboraram para isso tanto a existência de políticas migratórias, quanto a mobilidade geográfica de operários e trabalhadores à procura de empregos, assim como a existência de militantes perseguidos pela polícia”.¹⁴ A noção de contemporaneidade e de solidariedade daqueles que se organizam e lutam fortalece a construção identitária em diferentes partes do mundo. Para a autora, o “Primeiro de Maio é o mais importante símbolo da identidade internacional dos operários”.¹⁵ Isabel Bilhão destaca, citando Eric Hobsbawm, que existem duas formas distintas de difusão do internacionalismo operário: uma entre gru-

12 Ibid., p. 32.

13 Ibid., p. 175.

14 Ibid., p. 189.

15 Ibid., p. 219.

pos e indivíduos, e outra, na relação entre organizações (programática), ou seja, os trabalhadores passavam a compartilhar lutas em comum.¹⁶

A partir desse debate teórico, é pertinente questionar se foi significativa a presença de imigrantes na “direção” do movimento operário rio-grandense no período da República Velha? Como um dos elementos que constitui a identidade “internacionalismo operário” é a circulação de pessoas e ideias, pressupõe-se que, hipoteticamente, os imigrantes possuísem maior probabilidade de “manipular” essa identidade. Pretende-se saber se a presença de imigrantes na direção do movimento operário no Rio Grande do Sul foi significativa. Pretende-se conhecer, especificamente, de forma quantificada a participação de imigrantes no conjunto da população, na formação da força de trabalho e na direção das organizações operárias.

Utilizou-se o método quantitativo, recorrendo-se mais à análise de conteúdo e à comparação empírica. O método quantitativo pressupõe uma população de dados de estudo comparáveis, sequenciais e seriais. Sobre o método quantitativo, a pesquisadora Silvia Petersen destaca a importância da utilização da quantificação, nos estudos sobre a história operária. Segundo a pesquisadora:

É certo que para determinadas temáticas da história operária a quantificação é praticamente impossível, não existem mesmo fontes. Mas, de qualquer forma, imagino que, uma vez que o investigador se disponha a isso, percorrendo documentos de natureza diferente ou, quando for possível séries documentais, cruzando esses dados, substituindo por estimativas ou hipóteses as lacunas impossíveis de preencher, pode oferecer novos materiais para pensar, afinal quantos eram os operários em determinado momento, qual sua distribuição geográfica, sua composição por idade, etnia, sexo, ramo de atividade, etc.”.¹⁷

Destaco no texto acima a importância que Petersen dá ao esforço de quantificar as informações, mesmo percorrendo “documentos de natureza diferentes” e, quando possível, “séries documentais”. Um dos aspectos relacionados pela autora é a questão “étnica”. A maioria das fontes é biblio-

16 Ibid., p. 200.

17 PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Comentários sobre a conferência História Operária proferida pela Prof.^a Dra. Beatriz Loner. **História UNISINOS**, São Leopoldo, Número Especial, 2001, p. 91-92.

gráfica, somando-se, a estas, trabalhos acadêmicos, como artigos, dissertações e teses. Utiliza-se mais da análise de conteúdo, elaborando algumas quantificações. Destaca-se que foi feita uma leitura exploratória, no sentido de “busca de dados”. São assumidas as falhas que este método pode trazer. Os dados quantificados, em alguns momentos, sobre a presença de patronímicos estrangeiros no movimento operário, podem não se prestar a generalizações, tão pouco para diagnosticar etnias. Outro caso importante é a utilização de autores que não discutiam a questão étnica no “mercado de trabalho” nem no movimento operário, e, quando o fazem, apontam para a importância dos elementos nacionais na formação da classe operária brasileira. É o caso da tese da pesquisadora Beatriz Ana Loner, que destaca a presença de nacionais na composição do movimento operário em Pelotas.¹⁸

Os termos imigrante e estrangeiro não são sinônimos. Cada um dos conceitos possui determinadas características. Abdelmalek Sayad define estrangeiro da seguinte forma:

Um estrangeiro, segundo definição do termo, é estrangeiro, claro, até as fronteiras; continua sendo estrangeiro enquanto puder permanecer no país. Um imigrante é estrangeiro, claro, até as fronteiras, mas apenas até as fronteiras. Depois que passou a fronteira, deixa de ser um estrangeiro comum para se tornar um imigrante. Se ‘estrangeiro’ é a definição jurídica de um estatuto, ‘imigrante’ é antes de tudo uma condição social.¹⁹

De acordo com Lúcia Lippi Oliveira “imigração” são movimentos espaciais da população e movimentos sociais de mobilidade ascendente e descendente, refere-se a encontros culturais (choques) entre os que chegam e os que recebem o grupo. Choques culturais entre os mais velhos e os mais novos que são mais receptivos aos padrões culturais da sociedade que os recebe. A autora lembra Simmel para definir o que significa o estrangeiro, que trata da proximidade e da distância que envolve toda relação humana. “Estrangeiro é aquele que está próximo e está distante e, estando distante, na verdade, está próximo”. O estrangeiro possui a mobilidade que os naturais não possuem. O estrangeiro entra em contato com os grupos,

18 LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária**: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

19 SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p.243.

ainda que não pertença ao grupo por laços de parentesco, localidade, ocupação. De acordo com Lúcia Oliveira, o estrangeiro é mais livre, mas também é mais facilmente acusado de ser portador de ameaças, de provocações.²⁰ As definições conceituais de imigrantes, estrangeiros e de etnia são importantes, porém pelos limites desse trabalho, não é possível explorar essas questões.²¹

1 A presença imigrantes no Rio Grande do Sul

O fenômeno migratório no Rio Grande do Sul comporta duas características: os projetos de colonização subvencionados pelos governos e as migrações espontâneas. Os projetos de colonização destinavam-se a assentamentos rurais – os mais conhecidos são as colônias alemãs e italianas – e os movimentos migratórios espontâneos para áreas urbanas.

No ano de 1872, quando reinicia o movimento migratório, a população total da Província era calculada em torno de 446.926 pessoas, e destas, 41.406 eram imigrantes, aproximadamente 16,6% do território era ocupado por germânicos. A introdução de colonos italianos se deu a partir de 1870, quando são criadas duas colônias. Logo, em 1875, 1879, 1884, 1887 e 1889, são criadas outras colônias italianas no Rio Grande do Sul.²² A zona de fronteira atrai imigrantes veiculados a atividades de comércio. Sobre estas cidades de fronteira e da campanha gaúcha, Sérgio da Costa Franco diz que “em razão dos progressos da pecuária e indústria do charque, mas que seriam pobres em artífices de ofícios urbanos, o artesão estrangeiro encontraria um seguro campo de expansão”.²³

Os dados sobre a presença de estrangeiros no Estado são pouco confiáveis, além de contraditórios. Para apresentar um quadro sobre a presença de estrangeiros no ano de 1900, utiliza-se o levantamento feito por Ailana Cristina Amorim. Segundo ela, 11,75% da população eram estrangeiros.²⁴

20 OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cruzando fronteiras: os estudos de imigração**. In: A História e seus territórios: Conferências do XXIV Simpósio Nacional de História da ANPUH. Organizadores Flávio M. Heinz; Marluza Marques Harres. São Leopoldo: Oikos, 2008, p.66

21 Este artigo foi construído a partir da dissertação de mestrado “O Movimento Operário em Alegrete: a presença de imigrantes e estrangeiros (1897 – 1929), de Anderson R. Pereira Corrêa. Disponível em: <<http://www.repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/3988>>. Acesso em: 20 set. 2016.

22 GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no Rio Grande do Sul: fatores determinantes. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (Orgs.). **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996, p. 61s.

23 COSTA FRANCO, Sérgio da. Imigração italiana na fronteira rio-grandense. **Boletim da Biblioteca Pública do Estado**, Porto Alegre, vol. 2, n. 1, 1975, p. 11.

24 AMORIM, Ailana Cristina de. **Relações intra-classe: solidariedade e conflito na formação**

Para a década de 1910, tem-se a tabela abaixo, que procura demonstrar a presença de imigrantes na população geral do Estado do Rio Grande do Sul:

TABELA 01

Número de pessoas nacionais e estrangeiras em 1910.

Brasileiros	1.093.986	89%
Estrangeiros	129.329	10,52%
Nacionalidade ignorada	5.755	0,46%
Total	1.229.070	100%

Fonte: AMORIM (2006:119)

Entre 1900 e 1910, os números são relativamente próximos. Uma década depois, em 1920, a presença de estrangeiros diminui.

TABELA 02

População por nacionalidade no Rio Grande do Sul em 1920

Brasileira	Estrangeira	Ignorada	Total
2.028.090	151.025	3.598	2.182.713
92,9%	6,91%	0,16%	99,97%

Fonte: FEE (1981:125)

Em relação ao trabalho e às profissões dos imigrantes, Ailana Amorim destaca que, em certas atividades profissionais, acabavam concentrando-se trabalhadores de uma mesma etnia, e que, muitas vezes, é possível caracterizá-los, identificando-os por meio dela.²⁵

A questão da imigração em Porto Alegre pode ser observada na pesquisa de Stella Borges, que escreve sobre a migração de um modo geral, e também em relação à economia e ao mercado de trabalho. A autora afirma que os números divergem, até mesmo os números estatísticos oficiais apresentam discordância, mas existem registros que indicam que, entre 1908 e 1914, entram no Rio Grande do Sul, aproximadamente, 17.248 russos, 8.039 alemães, 6.052 poloneses e 3.008 italianos.²⁶ Destaca a autora que, de 1890 a 1900, chega a 44.821 o número de estrangeiros no estado, sendo que 24.248

da classe operária no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 119.

²⁵ Ibid., p. 116.

²⁶ BORGES, Stella. **Italianos**: Porto Alegre e trabalho. Porto Alegre: Ed. EST, 1993, p. 15s.

são italianos.²⁷ Stella Borges escreve que, entre 1882 e 1891, é registrado o total de 46.559 italianos; entre 1892 e 1902, são 15.798 italianos. Em 1893, 10% da população da cidade era de italianos. Para Stela Borges, esta estimativa também é válida para a década de 1910.²⁸

Em relação aos imigrantes italianos em Porto Alegre, Stella Borges diz que se encontravam em número reduzido nas indústrias, sendo a que a maior parte dos trabalhadores empregados neste setor era de outras etnias. Para ela, o imigrante italiano se distribui pelo pequeno e médio comércio.²⁹ Diante dos dados colhidos, afirma que, no grupo de imigrantes italianos, em Porto Alegre, predominavam os pequenos e médios proprietários, que contavam em seus estabelecimentos com reduzido número de empregados.³⁰

Núncia Santoro de Constantino é quem chega primeiro a esta conclusão, em seu estudo sobre os italianos meridionais em Porto Alegre. A historiadora faz um levantamento da “comunidade” da cidade, destacando que a maioria dos italianos não era constituída por trabalhadores assalariados. Desta forma, Núncia afirma que:

Fato é que o grupo de imigrantes italianos em Porto Alegre no período correspondente a este estudo é constituído predominantemente por indivíduos que fazem parte do que se entende por pequena burguesia e, além do mais, tem como característica indivíduos de origem italiana meridional, em especial moraneses.³¹

Em relação a Pelotas, sabe-se que moravam na zona urbana, em 1891, aproximadamente, 4.160 imigrantes (18,1%) da população. Número próximo da metade desses imigrantes era de portugueses, e a outra metade composta de italianos, uruguaiois, espanhóis, alemães e franceses. Os mestiços e negros compunham cerca de 30% dos habitantes da cidade. Em 1911, o número de imigrantes aumentou, passou a cerca de 6.864 pessoas. Porém, em relação ao conjunto da população, sua representação diminuiu, equivalendo a 11% da população. A proporcionalidade de imigrantes na ci-

27 Ibid., p. 27.

28 Ibid., p. 27 e p. 30.

29 Ibid., p. 73.

30 Ibid., p. 84.

31 CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O Italiano da Esquina:** Meridionais na sociedade Porto-Alegrense e Permanência de Identidade entre Moraneses. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 1990, p. 115.

dade diminui mais ainda na década de 1920, representando, neste último período, a 8%.³²

Para o caso da cidade de Rio Grande, em 1888 existiam 3.710 imigrantes, o que equivalia a 18,3% da população. Assim como Pelotas, quase a metade era composta de portugueses; a seguir, apareciam italianos, alemães, franceses e ingleses. Os negros e pardos correspondiam a 27,48% dos habitantes. Na década de 1910, os imigrantes correspondiam a 11,9% da população e, na década de 1920, correspondiam a 12,8%.³³

Segundo Loner, “torna-se difícil, pela inexistência de estatísticas a respeito, avaliar qual o percentual de estrangeiros que poderiam ser considerados operários nas primeiras décadas, ou pelo menos distingui-los dos artesãos e donos de oficinas”.³⁴ A pesquisadora, recolhendo dados transmitidos pela imprensa, onde o autor da matéria (Coutinho), referindo-se a Rio Grande e Pelotas, afirma que, em 1897, cerca de 25% dos trabalhadores eram nacionais, e que 75% dos trabalhadores eram estrangeiros de todas as nacionalidades.³⁵ Beatriz Loner questiona esses dados, mas pensa que aqueles referentes a Rio Grande estejam mais próximos da realidade. Segundo a mesma autora, existem muitos exemplos, na cidade de Pelotas, de importação de mão-de-obra imigrante. Buscava-se mão-de-obra tanto da Europa quanto de países vizinhos do Prata. Na cidade de Pelotas, os italianos estavam em menor número; eles aparecem em ramos de negócio, em fábricas, e desempenhando as atividades econômicas mais “humildes”.³⁶

É possível ter-se uma ideia da presença de imigrantes entre os patrões, como acionistas proprietários na cidade de Pelotas. Loner usa informações apresentadas por Hallal dos Anjos, o qual afirma que, na cidade de Pelotas, de um total de 38 fábricas, 20 eram compostas por imigrantes. Outras 10 compreendiam presença de nacionais e de imigrantes, e 6 pertenciam somente a nacionais. Em cerca de 80% das fábricas, havia participação de imigrantes.³⁷

Na cidade de Rio Grande, os imigrantes participavam economicamente do comércio, da indústria e do ramo do transporte. No comércio, a predominância era de portugueses, que também eram encontrados em indústrias e oficinas. No alto comércio, encontravam-se os alemães, assim como entre os industriais. Nas grandes fábricas e oficinas, trabalhavam ita-

32 LONER, op. cit., p. 67.

33 Ibid.

34 Ibid., p. 85.

35 Ibid.

36 Ibid., p. 85.

37 Ibid., p. 71.

lianos, espanhóis e poloneses.³⁸ As empresas comerciais e industriais, na maioria dos casos, estavam sob o controle de imigrantes.³⁹ Beatriz Loner afirma que, em Rio Grande, em 1914, a maioria dos italianos residentes na cidade trabalhava como operários.⁴⁰

Mais informações sobre a presença de imigrantes, no “mercado de trabalho” de Rio Grande, podem ser encontradas no trecho a seguir:

Tem-se inúmeras notícias de empresas, que importaram mão de obra estrangeira diretamente para suas fábricas como a Ítalo-Brasileira de Rio Grande, trabalhando majoritariamente com operários italianos e a fábrica Poock de fumos (que trabalhava com alemães e importava especialistas cubanos).⁴¹

Aparecem casos, também, nos quais os mestres e contramestres são imigrantes, ou a maioria. Na cidade de Rio Grande, no início do século XX, boa parte dos vendedores ambulantes, cocheiros e condutores de bonde eram italianos.⁴²

Sobre a presença de imigrantes em relação à população geral das cidades expõe-se os dados na tabela abaixo:

TABELA 03
Porcentagem da população imigrante

Cidade	Entre 1888 e 1891	Entre 1910 e 1911	Em 1920
Pelotas	18,1%	11%	8%
Rio Grande	18,3%	11,9%	12,8%

Fonte: Elaboração própria.

38 Ibid., p. 68.

39 Ibid., p. 70.

40 Ibid., p. 86.

41 Ibid., p. 85.

42 Ibid., p. 85

A presença de imigrantes na força-de-trabalho demonstra-se com a próxima tabela:

TABELA 04
Força de Trabalho Imigrante em 1920

CIDADE	PORCENTAGEM
São Paulo	49%
Porto Alegre	17,9%
Pelotas	75%
Rio Grande	75%

Fonte: Elaboração própria.

2 O Internacionalismo Operário no Rio Grande do Sul

Várias são as referências ao internacionalismo em Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas pelos membros do movimento operário destas localidades, assim como por sua entidade estadual, a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS). É possível identificar uma articulação programática internacional em vários momentos, no decorrer do período da República Velha. No caso da fundação, em 1892, em Porto Alegre, do Allgemeiner Arbeiter Verein, que era um instrumento de divulgação e que servia para dar unidade de ação política aos militantes comprometidos com o programa do Partido Social-Democrata Alemão em Porto Alegre e São Paulo, Silvia Petersen destaca que:

foi a organização que primeiro fez as comemorações do 1º de maio em Porto Alegre, em 1896. Em 1897, a comemoração foi feita com a Allgemeiner e a Liga Operária Internacional. Neste 1º de maio, foi lançado o programa do Partido Socialista do Rio Grande do Sul. Entre os signatários, encontram-se integrantes da Allgemeiner.⁴³

Isabel Bilhão afirma que as polêmicas da Primeira Internacional ainda ecoavam em Porto Alegre em 1898. As divergências entre anarquistas e socia-

43 PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **“Que a União Operária seja a nossa pátria!”**: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria/Porto Alegre: Editora UFSM/Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 95.

listas acabam por influenciar a organização operária internacional e estão presentes no Primeiro Congresso Operário Rio-grandense.⁴⁴ A ação coordenada dos militantes socialistas internacionais, intencionados em organizar as lutas operárias, pode ser identificada no destaque feito por Bilhão em relação ao Programa do Partido Social-Democrata Alemão, lançado na cidade de Erfurt, no ano de 1891. Este programa serve de modelo não só para a Alemanha, mas para os partidos Socialista e Operário fundados em Porto Alegre, em 1897 e 1905. Isto é, também seguiram a linha do Partido Social-Democrata Alemão.⁴⁵

No final do século XIX, em 1895, é fundada, em Porto Alegre, a Liga Operária Internacional. Neste caso, além do próprio nome da associação ser “internacional”, o peso da diversidade étnica fazia-se notar na Liga. Petersen demonstra a diversidade de nacionalidades nesta organização, no trecho a seguir: “O jornal *Gazetinha*, em 1896, observava que a organização Liga Operária Internacional, que trata de congregar os operários de todas as profissões e nacionalidades, ‘tornou-se quase uma Babel’ pela dificuldade de se entenderem os diferentes idiomas”.⁴⁶

Benito Bisso Schmidt destaca que os militantes da Liga Operária Internacional, fundada em 17 de novembro de 1895, vão ser nomes atuantes de “proa” no movimento operário de Porto Alegre até a década de 1920, embora tenham, segundo o autor, tomado rumos ideológicos diferentes, uns tornando-se anarquistas, e outros, socialistas.⁴⁷

A mobilização e a atividade organizativa dos militantes “internacionalistas” começa a dar resultado em 1897, de acordo com o autor; no dia 1º de maio, mais de 1.000 operários desfilaram pelas ruas de Porto Alegre, e, conforme a imprensa, a participação imigrante é significativa nesse ato.⁴⁸ Ainda de acordo com Schmidt, poucos meses depois do 1º de maio, os membros do Partido Socialista do Rio Grande do Sul se reúnem para escolher sua diretoria. Terminados os trabalhos, são cantados hinos socialistas em português, alemão e italiano. Erguem brindes a várias organizações operárias, e, inclusive, ao Partido Socialista em São Paulo, no Rio de Janeiro e na Europa.⁴⁹

Em 1º de maio de 1905, existia o jornal *A Democracia*, órgão do Partido

44 BILHÃO, op. cit., p. 178.

45 Ibid., p. 200.

46 PETERSEN, “Que a União Operária...”, p. 98.

47 SCHMIDT, Benito Bisso. *O Patriarca e o Tribuno*: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187?-1934) e Carlos Cavaco (1878-1961). Tese (Doutorado em História), Universidade de Campinas, 2002, p. 96.

48 Ibid., p. 105.

49 Ibid., p. 109.

Operário Rio-grandense, que passa a ser porta-voz dos socialistas gaúchos, até 1908. A folha era editada na Tipografia Internacional, sob a responsabilidade de Francisco Xavier da Costa, Paulino D'Amico, João Martinewski e Antonio Heit.⁵⁰

Na comemoração do 1º de maio de 1905, são distribuídos programas do recém criado Partido Operário Rio-grandense. A comissão central provisória do partido era composta por militantes que haviam se destacado nas lutas da década de 1890: Xavier da Costa, Henrique Mathias, Wilhelm Koch, José Zeller-Rethaller e Roberto Schmidt. A maioria demonstra, pelos sobrenomes, ser de origem germânica.⁵¹

Nas cidades de Pelotas e Rio Grande, existiram também associações operárias com a palavra internacional na nomenclatura das entidades. No final do século XIX, entre as principais entidades operárias das duas cidades, estavam a Sociedade União Operária de Rio Grande, a Liga Operária e a União Operária Internacional de Pelotas.⁵² Ainda em Pelotas, em 1909, existia a Liga Internacional de Beneficência Dramática.⁵³ É importante frisar que a União Operária Internacional de Pelotas possuía, como maioria de seus membros, pessoas negras ou mulatas, inclusive na composição das diretorias e como oradores.⁵⁴

A seguir, apresentam-se alguns exemplos que comprovam os laços de solidariedade internacional entre os operários em luta e organização. Em 1897, durante as comemorações do 1º de maio, os operários brindam às organizações operárias do Brasil e da Europa; na greve de 1906, temos outro exemplo da articulação internacional. Os líderes socialistas da greve geral de 1906, para reforçar os laços de solidariedade, resolvem enviar telegramas aos centros operários de Londres, Berlim, Paris, Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires.⁵⁵ Na fundação da Federação Operária do Rio Grande do Sul, apresenta-se manifesto o interesse da luta e solidariedade internacional entre os trabalhadores. A FORGS, fundada em 1906, em Porto Alegre, é uma “proposta e sólida união com os operários de todo o universo, sendo enviadas circulares de adesão a todas as partes do globo onde existam operários”.⁵⁶

Acontecem congressos operários do Rio Grande do Sul em 1898,

50 Ibid., p. 174.

51 Ibid., p. 166.

52 LONER, op. cit., p. 168.

53 Ibid., p. 133.

54 Ibid., p. 261.

55 SCHMIDT, op. cit., p. 243.

56 Ibid., p. 238.

1920, 1925 e 1928. Nos Congressos de 1920 e 1925, encontram-se referências ao “internacionalismo”. No 2º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, realizado em Porto Alegre, de 21 a 25 de março de 1920, é aprovada uma moção de saudação ao operariado revolucionário da Rússia, Alemanha, Itália, Argentina e de outros países.⁵⁷ Durante a realização do referido Congresso, Abílio de Nequete procura estabelecer a adesão da FORGS à Terceira Internacional de Moscou (Internacional Comunista), não obtendo sucesso.⁵⁸ Em setembro de 1925, acontece o 3º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, sobre o qual escreve Petersen: “Terminados os informes do Congresso de Amsterdam, o 3º Congresso Operário do Rio Grande do Sul delibera reitterar a sua solidariedade, reafirmando a aderência da FORGS à A.I.T (Associação Internacional dos Trabalhadores – “Internacional Anarquista”).⁵⁹

É importante destacar o papel da imprensa na construção desta “comunidade imaginada” internacionalista e operária. No transcorrer deste trabalho, é usada como fonte a imprensa operária, utilizada repetidamente e muitas vezes citada. Jorge Luiz Pastorisa Jardim faz um estudo sobre a imprensa operária no Rio Grande do Sul, e, segundo esse autor, a imprensa e o jornalismo desenvolvem-se paralelamente ao capitalismo e à industrialização, o jornal se constitui em um meio dinâmico e eficaz de propagação de ideias entre os trabalhadores.⁶⁰

O mesmo autor afirma que, no período de 1892 a 1923, são encontrados registros sobre a existência de jornais operários em cidades como: Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande, Quaraí, Alegrete, Livramento, Cruz Alta, Uruguaiana, Bajé, Jaguarão, Santa Maria, Passo Fundo, São Gabriel e Cachoeira. De 91 jornais encontrados pelo pesquisador, 79 encontravam-se em 6 cidades: Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Bagé, Livramento e Santa Maria.⁶¹ Para o autor, a imprensa operária é um fenômeno eminentemente urbano, e a maioria dos jornais, excluindo Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, encontra-se na região da fronteira e campanha rio-grandense. O autor chama atenção para a urbanização e a existência de um movimento operário nestas cidades.⁶²

A seguir, fazem-se algumas considerações sobre a circularidade de militantes e a presença de “estrangeiros” no movimento operário. Segundo

57 PETERSEN, “Que a União Operária...”, p. 378.

58 Ibid., p. 376.

59 PETERSEN, “Que a União Operária...”, p. 278.

60 JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. **Comunicação e militância**: a imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923). Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990, p. 23s.

61 JARDIM, op.cit., p. 134s.

62 Ibid., p. 137.

Isabel Bilhão, em 1906, a imprensa governista procura demonstrar que a greve não passava de um movimento organizado por desordeiros vindos de fora da cidade.⁶³ A autora apresenta uma matéria publicada pelo *Jornal do Comércio* de Porto Alegre, de 19 de outubro de 1906, na qual aparecem as divergências em relação ao rumo do movimento grevista: “Dividem-se em dois grupos radicalmente opostos, os operários paredistas estrangeiros”. Segundo a nota da imprensa, os alemães, que são socialistas, entendem que devem voltar ao trabalho; os polacos e italianos, que são anarquistas, querem continuar em greve. Bilhão destaca que esta divisão esquemática não pode ser estendida a todos os trabalhadores e suas respectivas etnias.⁶⁴

Cesar Augusto B. Queirós apresenta a informação de que, em 1911, referindo-se às greves, o governo publica na imprensa uma nota afirmando que os operários nacionais, ordeiros, estavam sendo ludibriados por imigrantes semeadores da desordem.⁶⁵ Em páginas mais adiante, ainda sobre a greve de 1911, escreve que, para o governo, em 1911, as greves eram organizadas por “grevicultores”, anarquistas estrangeiros professos e confessos.⁶⁶ Stella Borges, em sua pesquisa sobre os italianos e o movimento operário de Porto Alegre, diz que a greve de 1918 foi atribuída a espanhóis agitadores vindos de São Paulo.⁶⁷

Retornando com a publicação de Queirós, lembra-se que em relação à greve de 1919, acontece o mesmo que em outros momentos: o governo, por meio da imprensa, afirma que a subversão extrapolou os limites de uma reivindicação pacífica, chegando ao nível da sedição, e que estas manifestações são obra de elementos estrangeiros.⁶⁸

Para a conjuntura após 1919, é importante destacar as informações levantadas por Frederico Duarte Bartz, quando afirma que se temia que agentes soviéticos, semeadores do bolchevismo, se inserissem no Brasil, através das fronteiras do Rio Grande do Sul. O autor destaca uma matéria publicada em jornal do Rio de Janeiro e reproduzida no *Correio do Povo* (19.6.1919). Segundo esta matéria, Buenos Aires tem sido alvo da investida de agentes do Comunismo Internacional. Como esses grupos e indivíduos são perseguidos na capital da Argentina, esses militantes acabam saindo para outros lugares e localidades. A fronteira com o Brasil é um atrativo

63 BILHÃO, Isabel. **Rivalidades e solidariedades no movimento operário**: Porto Alegre 1906-1911. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 46.

64 Ibid., p. 55.

65 QUEIRÓS, César Augusto B. **O Governo do partido Republicano Rio-Grandense e a Questão Social (1895 – 1919)**. Antíteses, vol. 1, n. 1, jan.- jun. de 2008, p. 45.

66 Ibid., p. 58.

67 BORGES, op. cit., p. 86.

68 QUEIRÓS, op. cit., p. 160.

para esses militantes. O jornal apresenta uma suposta conversa entre alguns militantes comunistas, em um restaurante na cidade de Uruguaiana, que, ao perceberem que estavam sendo vigiados, trocam de língua (idioma) quatro vezes.⁶⁹ O autor desconfia da veracidade dos fatos expostos, mas apresenta outros indícios da perseguição de militantes estrangeiros no interior do Estado.

Em 1919, também em Uruguaiana, é publicado o jornal *A União*, instrumento da União Geral dos Trabalhadores (UGT) daquela cidade. Segundo Adhemar Lourenço da Silva Junior, o jornal apresenta vários textos de anarquistas (Bakunin, Kropotkin, Sebastian Faure etc.). Neste jornal, é publicado o hino anarquista “Hijos Del Pueblo”, em homenagem a grevistas paraguaios em greve. Este último é publicado, segundo Silva Junior, pouco depois da chegada, em Uruguaiana, do militante Emilio Goltz, vindo do Paraguai.⁷⁰

De acordo com Núncia Constantino, elementos de reconhecida participação no movimento anarquista italiano têm sua vida acompanhada no Rio Grande do Sul. Em Porto Alegre, eram vigiados os italianos Carretta Michele, Gasparello Paolo, Gui Francesco, Arone G. e Perrone Luigi. Os relatórios não confirmam a militância desses italianos em Porto Alegre.⁷¹

Benito Schmidt fala de militantes que estiveram organizando o movimento operário em Rio Grande, e que depois vão organizá-lo em Porto Alegre. Segundo Schmidt, Alberto Kruse foi também fundador e dirigente da União do Trabalho de Rio Grande, em 1892, integrada também por Koch e Zeller-Rethaller.⁷² Assim, como a questão orgânica e institucional entre as organizações operárias e os “partidos operários” é importante para se estabelecer os vínculos políticos e programáticos das entidades do movimento operário a uma suposta articulação e conspiração internacional, é importante notar a movimentação dos militantes, ou seja, sua circulação. Isabel Bilhão escreve que alguns militantes da primeira greve geral de Porto Alegre, como José Zeller Rethaler e Guilherme Koch, em 1911, não estão mais no Brasil.⁷³

A mesma autora escreve que a greve estimulava a circulação de mili-

69 BARTZ, Frederico Duarte. **O Horizonte Vermelho**: O impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, p. 195.

70 SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. **As Sociedades de Socorros Mútuos**: estratégias privadas e públicas. (Estudo centrado no Rio Grande do Sul – Brasil, 1854 – 1940). Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004, p. 445.

71 CONSTANTINO, op. cit., p. 105.

72 SCHMIDT, op. cit., p. 190.

73 BILHÃO, **Rivalidades e solidariedades**..., p. 89.

tantes. No dia 22 de outubro de 1906, dirige-se à capital Federal Antônio Korynsky, envolvido nos acontecimentos da greve. No final do ano, era a vez do Antônio Nalepinski, que ocupa posição saliente no movimento de classe na capital do Rio Grande do Sul, tanto que os empregadores o boicotam, ele procura emprego em Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande; não encontrando, embarca para o Rio de Janeiro, onde é acolhido por companheiros.⁷⁴ Nalepinski, de acordo com Schmidt, atua nas greves de 1917, no Rio de Janeiro, onde, após estes fatos, é expulso do país.⁷⁵

Outro importante militante operário do período em análise é Zenon de Almeida. Zenon era natural do Rio Grande do Sul, filho de Leocádio e Ignácia Budaszewski, ambos nascidos em Varsóvia. Com 14 anos, deixa a casa paterna, e fica trabalhando em Porto Alegre ainda por quatro ou cinco anos. Zenon de Almeida, com aproximadamente 18 anos de idade, embarca em um veleiro holandês fazendo navegação de cabotagem durante uns cinco anos. Aprende, na família, o polonês e o iídiche, matriculado em uma escola, aprende o alemão. Trabalhando como marinheiro na Europa, torna-se um poliglota, aprendendo italiano, espanhol, francês. Milita em Porto Alegre, Pelotas, Santa Maria, São Paulo e no Rio de Janeiro.⁷⁶

Frederico Duarte Bartz analisa o papel da questão étnica em aderir ou não aderir à Revolução Russa; para isso, faz o estudo de quatro militantes operários da República Velha:

Friedrich Kniestedt, imigrante alemão, teve uma experiência social-democrata na Alemanha, onde se frustrou com a social-democracia e aderiu à militância em grupos anarquistas. Vem para o Brasil, Rio Grande do Sul, e aqui continua sua militância como anarquista a partir de 1917 e não adere à Revolução Russa. Zenon de Almeida, nascido no Rio Grande do Sul, seus pais eram imigrantes poloneses judeus e socialistas. Trabalha como marinheiro viajando por vários países, onde adere ao anarquismo. No retorno ao Rio Grande do Sul, milita como anarquista no movimento operário local. Depois da Revolução Russa adere ao maximalismo. O barbeiro libanês Abílio de Nequete tornou-se um dos líderes e referência do maximalismo no Rio Grande do Sul. Abílio foi o primeiro secretário geral do Partido Comunista do

74 SCHMIDT, op. cit., p. 264.

75 Ibid., p. 265.

76 BILHÃO, **Rivalidades e solidariedades...**, p. 104.

Brasil, em 1922.⁷⁷

Ao analisar uma obra editada por René Gertz, é possível destacar a mobilidade militante na trajetória de Friedrich Kniestedt, que era natural da Alemanha, onde exercia a profissão de oficial escoveiro. Em 1907-1908, já como militante anarquista, deixa a Alemanha e vem para o Brasil com sua família. Instala-se no interior do Paraná, em seguida, vai para São Paulo. Em 1912, retorna à Alemanha, permanecendo lá até 1914. Novamente, devido a sua militância, retorna ao Brasil. De 1914 a 1917, convive no meio de pequenos proprietários no Paraná. Em 1917, vai para Pelotas e, no mesmo ano, vai para Porto Alegre. Na capital do Estado do Rio Grande do Sul, ajuda a organizar os operários e anarquistas.⁷⁸

Isabel Bilhão afirma que Carlos Cavaco é um exemplo de “peregrino” socialista. Ele esteve em Cruz Alta, Rio Grande, Pelotas, em 1906. Em 1915, Cavaco viaja por diversas cidades do interior gaúcho, de outros estados e mesmo do exterior, proferindo conferências socialistas e literárias: São Gabriel, Bagé, Pelotas, São Paulo, Curitiba, Campos e Salto no Uruguai.⁷⁹ Friedrich Kniestedt, militante anarquista, em 1922, circula pela região de colonização alemã.⁸⁰

A mesma autora, ao reportar-se à movimentação e circulação de militantes, escreve que Manoel Moscov, anarquista espanhol, vindo do Rio de Janeiro para Buenos Aires, vive em Porto Alegre entre 1910 e 1911. Nesse período, publica textos na imprensa operária, torna-se sócio da União Tipográfica e da União Operária Internacional, ambas em Porto Alegre. Moscov era cunhado do militante anarquista português Neno Vasco.⁸¹

Beatriz Loner escreve que as cidades de Pelotas e Rio Grande compartilhavam trabalhadores e militantes operários. A partir de 1905, acontece um “surto” organizacional entre os trabalhadores, no movimento operário. Segundo a historiadora:

Talvez, esse processo de surgimento de associações de categorias estivesse sendo influenciado pela realização do Congresso Operário de 1906; contudo, não há a visibilidade dessa influência, nem em relação a nomes de militantes,

77 BARTZ, op. cit., p. 111.

78 GERTZ, René (Ed.). **Memórias de um imigrante anarquista**: Friedrich Kniestedt. Porto Alegre: EST, 1989.

79 SCHMIDT, op. cit., p. 487.

80 BILHÃO, **Rivalidades e solidariedades...**, p. 199.

81 Ibid., p. 189.

nem a propostas para o movimento. Outra possível fonte de influência seria a diáspora provocada pelos resultados da greve geral de 1906, em Porto Alegre, com o que vários militantes foram forçados a trocar a capital pelo interior ou por cidades de outros estados. Uma comprovação indireta dessa situação pode ser o fato de encontrarem-se militantes que se destacariam na década seguinte, participando, naquela década, de várias entidades na cidade.⁸²

Em Pelotas, ocorre também a circulação de militantes estrangeiros, além de Zenon de Almeida, que vem de Porto Alegre. Posteriormente, fazem-se presentes vários outros, entre eles: Anastácio Gago Filho (Segismundo Pintoriano), Alberto Lauro (M. Rita) e Francisco Torregrosa. Segundo Beatriz Loner, a presença desses militantes era notada, inclusive, pelos seus opositores. Os opositores dos militantes operários passaram a utilizar como arma contra os anarquistas, a alegação de que seus “chefes” eram forasteiros.⁸³

Para relatar exemplos de circulação de militantes operários em Rio Grande, recorre-se ao texto abaixo. O texto mostra a capacidade, para o caso de Rio Grande, de militantes de outros municípios participarem das disputas políticas em cidades em que não estavam “radicados”. Em nota de rodapé, a citada autora escreve:

Era frequente o fato de operários de outras localidades deslocarem-se para Rio Grande, e a SUO tinha convênios com várias outras associações do Estado, pela qual a filiação do militante era transferida de uma para outra entidade. Com isso, acontecia de esses militantes “de fora” terem papel ativo na entidade. Por exemplo: Venâncio Pastorini (que, em 20, estará em Bagé) participou de uma chapa de oposição na entidade em 1919, enquanto Reduzindo Colmenero, militante que se fez presente em várias cidades do Brasil, liderou a oposição à diretoria, no início dos anos 20.⁸⁴

Loner explica o papel dos militantes “forasteiros” na mobilização do movimento operário:

82 LONER, op. vit., p. 178.

83 Ibid., p. 187.

84 Ibid., p. 199.

eram indivíduos que não conheciam os costumes e práticas locais, cosmopolitas que tendiam a ver e tratar como simples, fatos e situações que se apresentavam como extremamente “complicados” para os da terra, envoltos no emaranhado de relações interpessoais, familiares e consuetudinárias que se desenvolvem ao longo de uma vida.⁸⁵

3 Imigrantes no movimento operário rio-grandense

Stella Borges elaborou um estudo sobre a participação de imigrantes italianos no movimento operário em Porto Alegre. Nesse estudo, apresenta informações sobre a participação de imigrantes italianos nos Congressos Operários do Rio Grande do Sul. Segundo a autora, em 1898, realiza-se o Primeiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul, seis associações confirmaram presença, entre elas, cinco foram representadas por italianos.⁸⁶

De acordo com Stella Borges, em 1920, no 2º Congresso Operário, a presença italiana representa 16% das delegações. Em 1925, no 3º Congresso Operário Rio-grandense, havia dois delegados italianos. Em 1928, no 4º Congresso Operário Rio-grandense, é impossível detectar presença italiana.⁸⁷

Silvia Petersen escreve que, na vanguarda política dos operários e trabalhadores rio-grandenses do final do século XIX e início do século XX, estavam os imigrantes. No final do século XIX, em Porto Alegre, é destacada a importância dos alemães. A autora cita vários nomes de militantes alemães e acrescenta: “O próprio Francisco Xavier da Costa, o grande articulador do movimento operário porto-alegrense nesta época, fora criado por alemães socialistas”.⁸⁸ Destaca a pesquisadora que, no entanto, muitos outros militantes de outras etnias e nacionalidades também aparecem nesta “fase” do movimento operário. A autora destaca italianos e portugueses.⁸⁹

É interessante observar a trajetória de dois dos principais militantes operários rio-grandenses, Francisco Xavier da Costa e Antônio Guedes Coutinho, e analisar a importância da imigração na vida desses dois militantes. Benito Schmidt diz que a proximidade de Francisco Xavier da Costa com a colônia teuta, em Porto Alegre, tem consequências importantes para sua trajetória futura. Em contato com os teutos, Francisco aprende o

85 Ibid., p. 266.

86 BORGES, op. cit., p. 74.

87 Ibid., p. 75s.

88 PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho (1870-1937)**. Porto Alegre: Ed. Universidade-UFRGS/Tchê!, 1992, p. 29.

89 Ibid.

alemão, importante habilidade na sua militância e vida afetiva.⁹⁰ O autor destaca que deve ser relativizada a formação socialista de Francisco Xavier da Costa, devido ao contato com os alemães; mas é importante ressaltar que cita outros companheiros de Francisco, que podem ter influenciado suas concepções políticas, e, embora não tenham origem germânica, eram imigrantes, como o caso do português João Guerra.⁹¹

A influência dos germânicos no socialismo rio-grandense é importante, mas não a única. Se para Porto Alegre há destaque para os alemães, o mesmo não pode ser generalizado para o caso de Pelotas e Rio Grande. Um dos principais líderes operários de Rio Grande, Antonio Guedes Coutinho, era natural de Portugal. Vem para o Brasil em 1886, e adere à militância socialista e à prática militante em Pelotas e em Rio Grande. Schmidt destaca a importância singular do caso de Antonio Guedes Coutinho para a problemática da pesquisa:

O fato de Coutinho ter feito sua formação ideológica no Brasil contrasta com um lugar-comum presente na historiografia do movimento operário brasileiro e também gaúcho: a tese do imigrante radical. Esta se baseia na ideia de que os imigrantes seriam os responsáveis pela introdução, entre nós, das teorias que animavam o operariado europeu. Em relação ao socialismo do final do século XIX, mais especificamente, postula-se que o mesmo teria sido difundido no Estado pelos teutos e seus descendentes.⁹²

A partir deste momento do trabalho, destacam-se as evidências sobre a presença de imigrantes nas associações operárias em Porto Alegre, em Pelotas e em Rio Grande. Ailana Cristina de Amorin, em sua pesquisa sobre a questão operária em Porto Alegre, destaca que:

A relação entre certos ofícios e a origem étnica acabava influenciando na organização associativa destas categorias, tendo-se em vista o número elevado de imigrantes em algumas delas. Também devido à questão do idioma, muitas associações terminavam por englobar indivíduos, majorita-

90 SCHMIDT, op. cit., p. 42.

91 Ibid., p. 46.

92 SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 74.

riamente, de uma mesma origem estrangeira.⁹³

Esta conclusão, da maioria de imigrantes em algumas associações, como reflexo de sua maioria nas categorias profissionais, pode ser exemplificada com os sapateiros, padeiros e chapeleiros. Isabel Bilhão escreve, em síntese, que, no final do século XIX, existem várias organizações operárias de cunho sindical, pedagógico e jornalístico, muitas efêmeras. Porém, o mais interessante é que os nomes que compõem as diretorias destas organizações geralmente se repetem, ou seja, são poucos e sempre os mesmos.⁹⁴ Isso prova, de certa forma, que os motivadores, organizadores e diretores do movimento operário, em Porto Alegre, eram uma minoria ativa com discurso articulado, ou seja, uma vanguarda internacionalista e proletária, com uma forte relação com o movimento migratório.

Schmidt chama a atenção para a participação dos mesmos militantes em várias associações, em 1906. No ano de 1906, acontece um surpreendente aumento no número de associações operárias, é o ano de fundação do jornal *A Luta*, da Escola Eliseu Reclus, é o ano da primeira greve geral de Porto Alegre.⁹⁵ O mesmo autor apresenta uma lista de 14 associações operárias, em 1906, em Porto Alegre. Também apresenta o nome da composição da diretoria de 11 destas associações. São, ao todo, 35 nomes, e, destes, 23 são nomes de imigrantes ou descendentes, fato que significa que 65% dos nomes dos dirigentes do movimento operário podem ter sido imigrantes ou descendentes. Podemos afirmar, então, que mais da metade, ou seja, a maioria dos dirigentes do movimento operário, eram possíveis imigrantes ou seus descendentes (sem falar dos nomes lusos e espanhóis).⁹⁶

Schmidt apresenta um quadro com os nomes que compõem a diretoria de algumas associações operárias. Ele chama a atenção para a presença repetida de nomes em mais de uma associação, o aumento do número de entidades e a participação de socialistas e anarquistas. É um quadro residual e ilustrativo para o período (não significa que sejam todas as associações operárias do período). Das informações apresentadas por Schmidt, extrai-se os seguintes dados: 4 militantes atuavam na direção de mais de uma entidade: José Zeller-Rethaler (socialista) fazia parte da diretoria de duas entidades: Allgemeiner Arbeiter Verein e União dos Metalúrgicos e Anexos; Rodolpho Pflugrath (socialista): Allgemeiner Arbeiter Verein e União Operária Internacional; José Machi (Anarquista): União Operária Internacional

93 AMORIM, p. cit., p. 117.

94 BILHÃO, *Rivalidades e solidariedades...*, p. 26.

95 SCHMIDT, *O Patriarca e o Tribuno...*, p. 209.

96 Ibid., p. 210s.

e União dos Pedreiros; e Felisberto A. de Oliveira (anarquista): União Operária Internacional e União dos Pedreiros.⁹⁷ Este autor também apresenta duas listas com os nomes dos diretores das associações operárias de Porto Alegre. As listas apresentam o nome das entidades e a diretoria que termina o “mandato” no final do ano, e outra lista apresentando a renovação ou não das diretorias que assumem para o ano de 1907. São 16 Associações; 13 da primeira lista apresentam os nomes e outras 15 da segunda lista apresentam os nomes. Na primeira lista, aparecem 43 nomes, sendo que, destes, 26 apresentam nomes de origem estrangeira (significa 60%). Na segunda lista, com os acréscimos, são 82 nomes, onde 53 aparentam ser de origem estrangeira (significa 64%).⁹⁸ Novamente, os números apresentam uma média de 60% dos nomes de dirigentes operários de origem imigrante – mais da metade – maioria.

Para complementar o estudo sobre a presença de imigrantes no movimento operário do Rio Grande do Sul, recorre-se também à pesquisa de Stella Borges sobre os italianos no movimento operário de Porto Alegre. De acordo com a autora, os italianos não eram a maioria no movimento operário, como acontecia em São Paulo. No trecho a seguir, apresentam-se as conclusões da autora:

Os italianos se restringiram a um pequeno grupo que atuava ao mesmo tempo em mais de uma associação operária, na imprensa – enfim, em todos os movimentos e congressos operários do período. Num primeiro momento, este fato leva à conclusão de um percentual mais elevado de imigrantes italianos entre sindicalistas.⁹⁹

Embora sendo um pequeno grupo de italianos no movimento operário, sua presença era significativa em relação à presença de militantes de outras etnias.

Em Pelotas, de acordo com Beatriz Loner, na década de 1910, somente entre os pintores aparecia um número significativo de imigrantes na diretoria de suas associações. Em outras categorias, na diretoria, apareciam apenas um ou dois imigrantes, como no caso dos sapateiros, motoristas e tipógrafos. Assim, escreve a autora: “Entre as demais categorias organizadas de que se tem a nominata, à primeira vista não havia estrangeiros,

97 Ibid.

98 SCHMIDT, **O Patriarca e o Tribuno...**, p. 275.

99 BORGES, op. cit., p. 94.

exceto portugueses, o que era mais provável entre tipógrafos e motoristas (*chauffeurs*)”.¹⁰⁰

Loner destaca que, na greve de 1917, em Pelotas, geralmente eram compostas comissões de três pessoas para negociar com os patrões. Encontram-se patronímicos de imigrantes entre aparelhadores, carpinteiros, carroceiros, cervejeiros, tecelões (um); pintores, sapateiros, marceneiros, instaladores elétricos, curtidores (dois), enquanto nenhum deles aparecia entre charqueadores, motorneiros, cozinheiros, ferradores, estivadores, veleiros, foguistas, chancelheiros, carneadores, pedreiros e oleiros.¹⁰¹ Na comissão central de greve, onde aparecem dois nomes de possíveis imigrantes entre seis.¹⁰² Para melhor compreender os números, pode-se dizer que na metade das categorias organizadas, havia imigrantes na comissão (direção), sendo que, no caso onde havia um, representava 30%; no caso onde havia dois, eram 60%. Na Comissão Central, eram 30% de possíveis imigrantes.

Ainda de acordo com Beatriz Loner, na cidade de Rio Grande, ao contrário de Pelotas, é identificado maior número de sobrenomes estrangeiros em todas as associações e em todas as décadas pesquisadas, com especial destaque para o elemento espanhol.¹⁰³

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de imigrantes em relação à população geral do Rio Grande do Sul e de algumas das principais cidades (Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas) não era muito elevada. Nem todos imigrantes eram operários (havia empresários, camponês, etc.). Nas cidades citadas, a força de trabalho era composta, em sua maioria, por imigrantes das mais diversas etnias. A média de imigrantes presentes na direção das organizações operárias era maior que a média de imigrantes na população e na força de trabalho. A formação da classe operária no Rio Grande do Sul foi influenciada de forma significativa pela presença de imigrantes e seus descendentes. Isso não tira nem exclui a presença e importância dos trabalhadores nacionais.

Percebe-se, também, que havia uma ação coordenada internacionalmente, que, juntamente à cultura internacionalista, a circulação de ideias e militantes, era possível uma articulação e mobilização internacional dos trabalhadores. A hipótese de trabalho se confirmou na medida em

100 LONER, op. cit., p. 87.

101 Ibid.

102 Ibid.

103 Ibid., p. 88.

que os imigrantes identificavam-se mais com os elementos da “identidade internacionalista operária” – com a “consciência de classe”. Quando esses imigrantes eram vistos como uma ameaça a “paz social” e ou a “ordem” eram facilmente considerados indesejáveis “estrangeiros”.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Ailana Cristina de. **Relações intra-classe**: solidariedade e conflito na formação da classe operária no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- BARTZ, Frederico Duarte. **O Horizonte Vermelho**: O impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BATALHA, Cláudio. Vida Associativa: Por uma Nova Abordagem da História Institucional nos Estudos do Movimento Operário. **Anos 90**, Porto Alegre: UFRGS, n. 8, dez 1997.
- BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. Formação da Classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano** (vol. 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e Trabalho**: análise da construção identitária dos operários porto-alegrenses (1896-1920). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- BILHÃO, Isabel. De estigma a emblema: considerações em torno da importância do trabalho na construção da identidade operária (Porto Alegre – 1896 a 1920). **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 41, jan/jun 2007.
- BILHÃO, Isabel. **Rivalidades e solidariedades no movimento operário**. Porto Alegre 1906-1911. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- BORGES, Stella. **Italianos**: Porto Alegre e trabalho. Porto Alegre: Ed. EST, 1993.
- CARONE, Edgar. **A República Velha**: Instituições e Classes Sociais. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1979.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: O cotidiano dos trabalha-

- dores do Rio de Janeiro da belle époque. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O Italiano da Esquina**: Meridionais na sociedade Porto-Alegrense e Permanência de Identidade entre Moraneses. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 1990.
- COSTA FRANCO, Sérgio da. Imigração italiana na fronteira rio-grandense. **Boletim da Biblioteca Pública do Estado**, Porto Alegre, vol. 2, n. 1, 1975.
- Fundação de Economia e Estatística (FEE). **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul**. Censos do Rio Grande do Sul (1803-1950). Porto Alegre: FEE, 1981.
- GERTZ, René (Ed.). **Memórias de um imigrante anarquista**: Friedrich Kniestedt. Porto Alegre: EST, 1989.
- GIRON, Loraine Slomp. A imigração italiana no Rio Grande do Sul: fatores determinantes. In: DACANAL< José H.; GONZAGA, Sergius (Orgs.). **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- HALL, Michael M. **A Classe Operária no Brasil (1889-1930)**. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1979.
- JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. **Comunicação e militância**: a imprensa operária do Rio Grande do Sul (1892-1923). Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.
- LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária**: Mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937. Vol. 1. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- PARIS, Robert. Biografia e “perfil” do movimento operário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo: ANPUH/Ed. UNIJUI, vol. 17, n. 33, 1997.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **Antologia do Movimento Operário Gaúcho (1870-1937)**. Porto Alegre: Ed. Universidade-UFRGS/Tchê!, 1992.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. Comentários sobre a conferência História Operária proferida pela Prof.^a Dra. Beatriz Loner. **História UNISINOS**, São Leopoldo, Número Especial, 2001.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. **“Que a União Operária seja a nossa pátria!”**: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria/Porto Alegre: Editora UFSM/Ed. Universidade-UFRGS, 2001.
- QUEIRÓS, César Augusto B. **O Governo do partido Republicano Rio-Grandense e a Questão Social (1895-1919)**. Antíteses, vol. 1, n. 1, jan.- jun. de

2008.

SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. **Povo! Trabalhadores!** Tumultos e Movimento Operário (estudo centrado em Porto Alegre, 1917). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

SILVA Jr., Adhemar Lourenço da. **As Sociedades de Socorros Mútuos:** estratégias privadas e públicas (Estudo centrado no Rio Grande do Sul – Brasil, 1854-1940). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SCHMIDT, Benito Bisso. **O Patriarca e o Tribuno:** caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187? – 1934) e Carlos Cavaco (1878 – 1961). Tese (Doutorado em História) – Universidade de Campinas, 2002.

SCHMIDT, Benito Bisso. **Um socialista no Rio Grande do Sul:** Antônio Guedes Coutinho (1868-1945). Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa** (V. 1). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Recebido em 05/08/2016

Aprovado em 29/10/2016